



Animal de tração como aliado do homem para a renda familiar

Maria Renadi CAVALCANTE¹, Rubens Pessoa de BARROS².

1. Aluna de Pós-Graduação em Gestão Ambiental – Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL.
2. Professor Titular do Departamento de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL/GEMBIO – Grupo de Estudos ambientais e Etnobiológicos.

Recebido em **setembro/2013** – Aceito para publicação **fevereiro/2014**

Resumo - O objetivo deste trabalho foi avaliar os aspectos relacionados ao bem-estar de equinos de tração numa visão de manejo e sustentabilidade. O cavalo tendo sua força empregada para o uso da tração de cargas pesadas constituiu-se como alavanca-mestre para o desenvolvimento do mundo nos primórdios da humanidade. A sustentabilidade desta atividade depende da saúde dos animais, visto que é necessária a realização de longos trajetos com intuito de conseguir remunerações diárias. A metodologia deste trabalho consistiu em leituras de trabalhos da área temática, observação in loco dos animais e condições de trabalho e bem-estar animal. Foi realizada uma entrevista com os carroceiros de modo a extrair deles informações quanto ao estado nutricional, manejo dos animais e cuidados quanto a saúde. Os resultados revelaram que os usuários desses animais, apresentam uma preocupação com a saúde e alimentação. A renda obtida pelo uso do animal de tração em suas carroças sustentam sua família e foi revelado que a renda é de mais de um salário mínimo. Através de palestras e reuniões periódicas junto aos carroceiros, vem sendo possível esclarecer o manejo nutricional mais adequado para os cavalos de tração. Outro aspecto é quanto a carga que o animal suporta, a carga em cada frete pesa cerca de 500 kg. Outros estudos são necessários para o aprofundamento dentro dos aspectos de bem-estar animal.

Palavras-chave: Educação. Etologia. Ecologia animal. Legislação ambiental.

Abstract - The aim of this study was to evaluate aspects related to the welfare of horses pull a vision of management and sustainability. The horse bearing his force employed for the use of pull heavy loads constituted as master lever for the development of the world at the dawn of humanity. The sustainability of this activity depends on the health of the animals, since it is necessary to undertake long commutes aiming to get daily wages. The methodology of this study consisted of readings of works by thematic area, on-site observation of animals and working conditions and animal welfare. An interview was conducted with the carters in order to extract from them information regarding nutritional status, animal handling and care about your health. The results revealed that users of these animals have a health concern and abuse of power. The income obtained by the use of animal traction in their carts sustain his family and it was revealed that income is more than minimum wage. Another aspect is that as the load supports the animal, the load on each cargo weighs about 500 pounds. Further studies are needed to deepen within the aspects animal welfare.

Keywords: Education. Ethology. Animal ecology. Environmental legislation.



Introdução

O intervalo entre 1500 a 1530 é considerado o início do período pré-colonial do Brasil. Na perspectiva de organização do trabalho, expansão e acúmulo de bens, os portugueses dividiram as terras em Capitânicas, confirmando a colonização do território brasileiro. Desde então já havia a carência da mão-de-obra para a exploração, plantação, colheita, produção e deslocamento das mercadorias. Com o aumento da demanda, surgiu a necessidade de redistribuição do trabalho, pois a união entre as forças braçal indígena e escrava apresentavam deficiência em atender às condições das atividades.

Desse modo, no sentido de assegurar o transporte da produção até o local de despacho, resolveram domesticar e utilizar os animais de tração para o transporte de pessoas e cargas. Os primeiros animais domesticados foram os bovinos, os eqüinos, os muares e os asininos, (boi, cavalo, égua, burro, burra, jumento).

Os animais de tração usados no transporte de cargas seja ele cavalo, burro, mula, jumento ou jumenta tem suas forças empregadas para o uso no transporte de cargas pesadas constituem-se como alavanca-mestre para o desenvolvimento do mundo desde os primórdios da humanidade até os nossos dias (Denoix, 1994). Como consequência, esses animais são exigidos acima de seus limites naturais (Goodship e Birch, 2001).

Em algum recanto do Brasil, observa-se o uso crescente de cavalos (família equídea) de tração no meio urbano, como uma atividade da economia informal (Rezende, 2004). Em várias cidades do estado de minas gerais muitas famílias utilizam carroça tracionada por equinos como seu meio de trabalho e geração de renda, realizando coletas de materiais recicláveis, remoção de entulhos e transportes variados.

Esta atividade depende da saúde dos animais que é necessária para a realização de longos trajetos com intuito de conseguir remunerações diárias. A sustentabilidade desta atividade considera que nem sempre estes animais são aptos para esta finalidade e muito menos recebem o manejo adequado para a manutenção de sua condição corporal.

Para que um animal trabalhe em condições adequadas requer do seu dono a análise das características apresentadas por este animal de trabalho e que são o produto de vários fatores aos quais ele está submetido, como clima, manejo, treinamento, tipo de arreamento, superfície



de trabalho e genética (Jones, 1987). O manejo é o requisito principal para que o animal seja requisitado para a labuta, como a idade, a conformação adequada, o casqueamento correto (Ruohoniemi et al., 1997), a nutrição, o condutor do animal e a finalidade (salto ou tração) também são citados como fatores relevantes para a saúde e a produtividade equina (Miranda, 1988). Um melhor desempenho dos animais no trabalho da vida urbana, no campo ou competições, lazer e tração constitui um reflexo do bom estado de sua estrutura anátomo-morfológica.

O uso do animal de tração é uma prática singular em todo o planeta, estima-se que existam em torno de 300 milhões de animais de tração, utilizados por dois bilhões de pessoas, em cerca de 30 países, e esses números tendem a aumentar (Universidade de Bristol, 2004).

Há registro que a domesticação do equino ocorreu por volta de 3.000 a.C. e que o cavalo era utilizado principalmente para puxar carroças (Jones, 1987). Avalia-se que a utilização do equino como animal de tração é bastante antiga e com bons resultados para o homem e a adequação do animal. Em alguns casos, o uso da tração animal é bastante conveniente por ser barata, maleável e não exigir mão de obra especializada, entre outros fatores (Torres, 1992).

Considerando a quantidade de animais envolvidos, o grande número de pessoas que se utilizam dessa atividade, apontam os estudos de produção de renda ser esta a principal ou até a única fonte de financeira de uma unidade familiar, ou o meio de transporte fundamental de uma comunidade, essa prática se impõe como importante questão de bem-estar animal e humano, como uma via de mão dupla, onde todos saem ganhando (Broom, 1999).

A ciência do Bem-Estar Animal – BEA é voltada para o conhecimento e a satisfação das necessidades básicas dos animais mantidos sob o controle do homem. Essa expressão se relaciona com conceitos diversos, além do conceito de necessidades, entre eles, sofrimento, emoções, dor, ansiedade, liberdade, medo, estresse, controle e saúde (BROOM e JHONSON, 2001). Em 1965 se deu a primeira definição conhecida de bem-estar animal e pode ser encontrada no relatório do Comitê Brambell - “um termo amplo que inclui tanto a saúde física quanto a saúde mental e comportamental de um animal” (Universidade de Bristol, 2004).

A prática de maus tratos aos animais de tração é criminosa, os usuários colocam seus animais sob sol ou chuva, faça calor frio ou faça frio, em meio à balbúrdia dos motores e das



buzinas, pouco importa, o animal de tração é levado à labuta sempre que seu dono assim o quiser. Igualmente éguas prenhes são forçadas a puxar carroças, sofrendo com a brutal exploração até a véspera ou o dia do parto, se chegarem até o fim da gravidez, pois às vezes ocorre o abortamento. Após essa etapa, são colocadas outra vez para acasalar e acabam retornando ao trabalho. Em síntese esta é a vida miserável dos animais utilizados em serviços de tração. Se resistirem às intempéries do ofício servil, chegando à velhice, seu destino será o abandono cruel ou o matadouro (Levai, 1998, 2013).

Para enfatizar a seriedade do tema algumas cidades brasileiras já possuem leis disciplinando especificamente a questão dos animais de tração. Como exemplo de legislação local, podemos citar a Lei Municipal nº 3350, de 28/12/2001, que disciplina a circulação de veículos de tração animal no Rio de Janeiro. Essa lei exige, para a condução de carroças e charretes: a) condutor maior de idade; b) porte do documento de habilitação para circular, concedido pelo órgão da prefeitura; c) veículo devidamente emplacado; d) identificação dos animais por meio de tatuagem; e) limite de peso de carga por animal; f) carga horária máxima de oito horas de trabalho diário; g) animais em perfeitas condições de saúde, com ferraduras e arreios em bom estado. Nesta cidade, Rio de Janeiro, a lei proíbe a circulação em vias de alta velocidade e o uso de animais doentes e feridos ou de fêmeas prenhes. Seu descumprimento implicará em multa, cancelamento da habilitação ou apreensão do veículo.

No Brasil a Constituição Federal – CF no capítulo sobre Meio Ambiente - artigo 225 veda práticas que submetam os animais à crueldade. A chamada Lei dos Crimes Ambientais (Lei Federal nº 9.605), sancionada em 1998, através de seu artigo 32, transformou o ato de praticar abusos, maus-tratos, ferir ou mutilar animais de quaisquer espécies em crime, com pena de detenção, de três meses a um ano, e multa, ressaltando que a pena é aumentada de um sexto a um terço se ocorre morte do animal (Leitão, 2002; Levai, 1998).

Praticar uma nutrição correta é fundamental para o desenvolvimento e manutenção de um sistema musculoesquelético saudável do animal, em qualquer fase da vida ou atividade. Os excessos ou deficiências se praticados, podem predispor ou mesmo causar o surgimento de patologias decorrentes da negligência. A melhor forma de identificar e corrigir algum desequilíbrio é analisar a ração diária e água ingeridas pelo animal (Lewis, 1994).



Quando se tratar de animal equino, de forma geral, a quantidade de alimento fornecido deve ser aquela capaz de mantê-los em uma condição corporal ideal (Lewis, 2000). O peso corpóreo e a condição física nutritiva ideais são atingidos quando as costelas não podem ser vistas, e quando apalpadas não sente-se nenhuma gordura entre elas (Lewis, 1994). Carroll e Huntington (1988), através da análise visual classificaram este estágio como um escore corporal 3, numa escala de 0 a 5. A fita de peso não é capaz de detectar pequenas variações, mas é mais precisa que o exame visual, podendo ser utilizada para estimar a quantidade de alimento exigida. A melhor maneira de monitorar a eficiência alimentar é através do peso aferido em balança, uma vez que alterações graduais não são aparentes (Lewis, 2000).

As pesquisas revelam que no trato com animal em crescimento, a quantidade e proporção entre energia, proteína e minerais deve ser cuidadosamente observada. Dentre os possíveis distúrbios com envolvimento nutricional, pode ocorrer uma interferência na ossificação endocondral, que pode resultar em aumento das metáfises, deformações angulares, deformidades flexoras adquiridas, má formação das vértebras cervicais e osteocondrose. Quando o animal é submetido às deficiências protéicas, os resultados geram um atraso no crescimento e um estado preocupante no animal (Lewis, 1994).

O uso dos animais pelo homem desde a antiguidade e sua necessidade de adaptação constante resulta em estudos etnozoológicos, indicando que estas relações nas comunidades tradicionais, ribeirinhos, pescadores, quilombolas, indígenas e na vida urbana, são muito inerentes aos seus hábitos de vida e de uma dependência ambígua que possibilitam a aproximação para a conservação e em troca um ganho seja no trabalho agrícola, seja usando os animais de tração para gerar renda.

Este trabalho teve como objetivo avaliar os aspectos relacionados ao bem-estar de animais de tração numa visão de manejo e sustentabilidade vinculados à produção de renda para o sustento da família do carroceiro.

Material e Métodos

A pesquisa realizou-se na cidade de Arapiraca que é a segunda maior de Alagoas e possui uma população aproximada de 227.640 habitantes (IBGE, 2013). Arapiraca se destaca



no setor comercial do Estado de Alagoas, com várias lojas de eletrodomésticos, de construção e mercadinhos nas diversas regiões. A cidade de Arapiraca é uma cidade que geograficamente está no centro do mapa de Alagoas, facilitando com as rodovias que passam por este município o transporte de vários produtos para a comercialização e pessoas com os seus diferentes interesses.

A metodologia deste trabalho consistiu em leituras de trabalhos da área temática, observação *in loco* dos animais e condições de trabalho e bem-estar animal. Foi realizada uma entrevista com os carroceiros de modo a extrair deles informações quanto ao estado nutricional, manejo dos animais e cuidados quanto à saúde. Realizou-se uma entrevista através de um questionário com 43 proprietários, selecionados ao acaso, durante o período de trabalho e de eventos realizados no município de Arapiraca-AL. Estes proprietários e suas carroças, tem um local para a espera do frete, são cadastrados e recebem uma identificação em cada carroça para monitoramento pelos órgãos ambientais e de trânsito, bem como o da limpeza urbana.

A aplicação do questionário para a coleta dos dados aconteceu em várias ruas, feiras livres, praças, e casas de material de construção: Rua Pe. Cícero – Mercado Público (Baixão), Maurício Pereira – Feira dos Móveis (Baixão), São Francisco (Centro), Miguel Correia de Amorim (Baixão), Maria C. Das Dores (Jardim Esperança), São Paulo (Alto do Cruzeiro), Senador Rui Palmeira (Brasília), João Ribeiro Lima (Centro), Teodorico Costa (Centro), D. Vital (Centro), Walter Bezerra (Eldorado). Expedicionário Brasileiro (Eldorado), Manoel Leal (cacimbas), Praça José Vanildo Cardoso (Primavera).

Resultados e Discussão

Os resultados revelaram que os usuários desses animais, apresentam uma preocupação da saúde e dos tratos da alimentação. A renda obtida pelo uso do animal de tração em suas carroças sustenta a sua família e foi revelado que a renda é de mais de um salário mínimo. Os dados da pesquisa indicam outro aspecto quanto à carga que o animal suporta em cada frete, cerca de 500 kg. Abreu et al. (2008) afirma que estes animais com o exercício repetitivo e de rotina, associado à subnutrição e ao trabalho, acaba por esgotar suas fontes de energia,



provocando lesões ao fígado, aos rins e aos músculos devido a utilização excessiva das reservas do glicogênio hepático e muscular.

Quanto ao estado nutricional do animal, observa-se um desequilíbrio em termos de nutrientes que o animal desenvolve comportamentos estranhos ao seu manejo natural. Os animais desenvolvem o hábito de lambar cascas de árvore, pedras, indicando claramente algum tipo de carência mineral (LEWIS, 2000).

Cada cartilha de orientação ao proprietário deve orientar que é melhor parar para fornecer água, do que não fornecer sal e causar hipertermia, fadiga e exaustão no animal em trabalho seja qual for a espécie. Na exaustão, o animal se apresenta deprimido e letárgico durante a atividade, podendo apresentar desinteresse por água ou comida, além de câimbras musculares e até cólicas. Em caso de fadiga pode durar alguns dias após o exercício, alguns sinais semelhantes são observados, porém há uma diminuição geral do tônus muscular (MEYER, 1995).

Os animais de tração encontrados nas vias urbanas são animais híbridos (Na figura 1, os animais em serviço) resultantes do cruzamento entre égua (*Equus caballus*) + jumento ou jumenta (*Equus asinus*) + cavalo, o bardoto (macho ou fêmea), resulta do cruzamento entre o Cavalo + jumenta. Na região do município de Arapiraca encontra-se um grande número de muares (burro, mula e bardoto) tracionando carroças, especialmente em áreas de trânsito de veículos e pessoas, que podem ser analisados as condições de saúde destes animais.



Figura 1. Os animais em serviços conforme as espécies: A. Burra. B. Égua. C. Burro.

De acordo com o questionário observou-se que os animais entre 5 e 8 anos representavam 50% da amostra; em relação ao tempo de trabalho, 47% tinham de 4 a 6 anos;



no tocante aos dias da semana trabalhados, 70% afirmaram que trabalhavam todos os dias da semana; 43% trabalhavam de 7 à 9 horas diárias; os entrevistados informaram que deixam seus animais descansarem quando chegavam em casa e à noite, sendo fornecido capim, ração, milho e água somente neste período e 66% forneciam água à vontade. A população urbana de equídeos ou outros animais, quando utilizados pelos carroceiros, possuem problema de claudicação, estresse, risco de acidentes de trânsito, más condições de abrigo e condução realizada por carroceiros despreparados e sem afeto. A claudicação é exagerada pelo deslocamento no asfalto, rígido e frequentemente quente (Haupt, 2001).

Em relação ao banho diário, todos banhavam, sendo que 81% banhavam de uma a duas vezes e 19% de três a quatro vezes, porém o processo de escovação não é feito, uma vez que alegam falta de tempo e cansaço por parte dos carroceiros. Jordão et al. (2011) discute em seu trabalho que os animais não falam e, portanto não argumentam, por isso não podem reclamar seus direitos.

Em todo mundo, várias espécies animais são utilizadas no trabalho na cidade ou no campo, inclusive na geração de força motriz produzida pela tração de veículos e equipamentos. Dentre elas, destacam-se as espécies caninas, bubalina, bovina, equina, asinina e os muares (WSPA, 2010).

Durante a pesquisa no contato com os 43 carroceiros proprietários de animais de tração (AT), foi possível conhecer algumas peculiaridades do animal, como a raça, espécie, sexo, peso e medida da altura inclusive o que eles têm de conhecimento em relação ao ciclo de vida do animal. A informação dada em relação á altura é em palmos (cada palmo mede cerca de 23 cm), este é um conhecimento passado nas negociações de comércio e venda dos animais nas feiras livres, ver tabela 1.

Tabela 1. Animais de tração (AT) encontrados durante a pesquisa e algumas particularidades citadas pelos proprietários (2013).

Raça do animal (Espécie)	Nº de proprietários	Peso (kg)	Medida da altura do animal
Jumento (<i>Equus asinus</i>)	7	350 kg	6 palmos e meio
Burra (<i>E.cabalus x E. asinus</i>)	20	350 kg 400 kg	7 a 8 palmos



Besta Manga Larga (<i>E. caballus x E. asinus</i>)	2	500 kg	7 a 8 palmos
Besta (<i>E. caballus x E. asinus</i>)	3	500 kg	7 a 8 palmos
Cavalo (<i>Equus ferus</i>)	5	600 kg	8 palmos e meio
Burro (<i>Equus africanus asinus</i>)	6	350 kg a 400 kg	7 a 8 palmos

Fonte: Dados da pesquisa.

Da amostra de 43 carroceiros, 17 sabiam a idade e o peso do seu animal, 10 sabiam mais ou menos e os 16 restantes demonstraram muita insegurança nas respostas, ao questionamento, fizeram apenas uma estimativa. Esta situação se deve à constante rotatividade de posse, na linguagem deles quer dizer passar o animal à frente, vender ou trocar por outro animal ou por alguma coisa. Na tabela 2, tem-se um número de proprietários dos animais e o tempo de uso do animal.

Tabela 2. Rotatividade de posse dos animais de tração (AT)

QUANTIDADE DE PROPRIETÁRIOS ENVOLVIDOS	TEMPO EM QUE O CARROCEIRO POSSUI O ANIMAL
1	8 meses
11	1 ano
9	1 ano e 6 meses
4	1 ano e dois meses
9	2 anos
3	4 anos
4	5 anos
2	10 anos

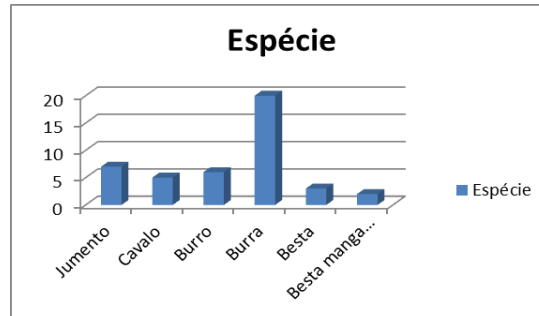
Fonte: Dados da pesquisa

Segundo os proprietários, a rotatividade de posse altera o metabolismo dos animais, interfere no trabalho, quando desconhecem o ambiente mudam o comportamento, ficam às vezes agressivos e perdem o apetite, como não têm escolha própria são forçados a adaptar-se



às mudanças do novo ambiente. O gráfico 1, aponta a diversidade de espécies escolhidas para o trabalho, prevalecendo a espécie muares (burro ou burra).

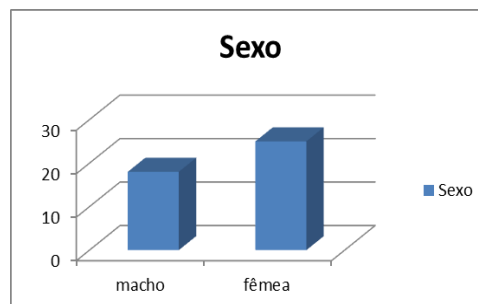
Gráfico 1. Espécies de animais no uso de tração.



Fonte: Dados da pesquisa.

Baseada nos dados da pesquisa observa-se que a preferência pelo animal fêmea é bem maior do que o animal macho, segundo os condutores de veículos movidos pela força motriz dos animais de tração (VTA), a fêmea é mais resistente, não apresenta dificuldade em realizar as necessidades fisiológicas durante o horário de trabalho, ao contrário do animal macho que prende a urina por muito tempo durante os percursos, em função disso diminui o ritmo de trabalho causando, portanto, atraso na entrega das mercadorias e conseqüentemente prejuízo no apurado do dia, ver gráfico 2.

Gráfico 2. Preferência pela fêmea para a realização do trabalho.



Fonte: Dados da Pesquisa.

No total de 43 animais 18 são machos e 25 são fêmeas representando 58,1% da preferência. Deduz-se que além das vantagens acima citadas o outro motivo é o fato de não procriar. Mas, quando indagados sobre o período em que a fêmea encontra-se prenhe se muda a rotina de trabalho – dos 43 carroceiros, 2 afirmaram parar as atividades com o animal a partir do 3º mês, 2 param somente aos completar 7 meses e os demais nunca passaram por isso.



Na tabela 3 os diversos tipos de atividades realizadas pelos animais de tração –AT nas regiões da zona urbana e rural. Estes animais estão presentes na realização de diversas atividades diárias, segundo os entrevistados, isto se dá devido à constatação da fácil adaptação, resistência e robustez. Diante dessa realidade a pesquisa mostra as formas como são utilizados os animais de tração (AT) na região de Arapiraca.

Tabela 3. Atividades realizadas pelos dos animais de tração na região de Arapiraca (2012).

ZONA URBANA	ZONA RURAL
Tração para subsistência	Tração para subsistência
Transporte de cargas e tração	Transporte de cargas, sela e tração
Esporte e lazer (vaquejada, cavalgada)	Transporte para deslocamento de pessoas
Transporte de objetos recicláveis	Pecuária
Cura para problemas de saúde em criança, jovens e adultos	Agricultura

Fonte: Dados da pesquisa.

A impressão que dá é que com as mudanças sociais e econômicas forçam o homem a criar diferentes formas de adequação, desta feita envolvendo animais, cuja dinâmica se configura numa nova categoria de trabalhadores. Neste sentido, convém considerar que as pessoas usuárias de veículo de tração animal (VTA), ao longo do tempo deram origem e definiram, portanto, a categoria dos carroceiros.

Os carroceiros da região agreste de Arapiraca estão inseridos numa sociedade com bastante desigualdade de classe. Para aumentarem a renda familiar buscam alternativas com fins lucrativos se utilizando mais vezes da sua ferramenta de trabalho: o animal tracionado a uma carroça feita de madeira para transportarem os mais diversos tipos de objetos como:

1. *Material de construção (madeira, cimento, areia, tijolo, pedras, portas, janelas entre outros), das lojas até o local onde as obras estão sendo realizadas;*
2. *Resíduo solo (tralhas, entulhos);*
3. *Resíduos alimentares, provenientes das sobras de alimentos das refeições das residências, restaurantes, lanchonetes, feiras livres da cidade destinados para alimentar animais de diferentes espécies;*



4. *As bancas e seus respectivos acessórios para as feiras livres que acontecem tanto semanalmente quanto diariamente nos diversos bairros da cidade;*
5. *Mercadorias e produtos para serem comercializadas nas diferentes feiras livres da cidade como também nas cidades circunvizinhas;*
6. *Material reciclável como plástico, vidro, papelão, ferro, alumínio, óleo de cozinha usado nas residências e latinhas de bebidas, coletados através de uma rotina de trabalho diária, desde as ruas localizadas no centro até as ruas da periferia da cidade.*

Na tabela 4, foi revelado pelos entrevistados os horários de trabalho dos animais e o valor aproximado dos fretes em reais. Estes valores estão indicados por uma média mensal revelada pelos carroceiros em diversos “pontos” onde foram entrevistados nesta pesquisa e os fretes realizados por um número de carroceiros. O trabalho é intenso, como qualquer outro é desempenhado de segunda a sexta-feira aproximadamente das 7h às 17h e aos sábado das 7h às 13h. Quanto ao cumprimento de horário de trabalho por não ter nenhum vínculo empregatício cada um se organiza de acordo com sua conveniência.

Tabela 4. Horário de trabalho dos carroceiros e quantidade de fretes do animal de tração (AT).

Nº de Carroceiros	Horário de trabalho	Fretes	Média mensal (R\$)
1	4h às 12 h	Coleta material reciclável	R\$: 400,00
14	8h às 11:30h 14h às 16h	5 a 6 2	R\$: 1.150,00
7	7h às 12h	4 a 5	R\$: 850,00
6	7h às 12h 14h às 17h	7 a 8 3	R\$: 1.550,00
8	7h às 11:30h 13h às 16h	6 a 7 3	R\$: 1300,00
5	8h às 12h	4	R\$: 750,00
2	Não tem horário definido	Indefinida	R\$: 900,00

Fonte: Dados da pesquisa.



Durante a pesquisa percebeu-se que em algumas cidades a exemplo de Maceió-AL, na orla marítima e em trechos da avenida, existem vários postes com placas proibindo o trânsito de veículos com tração animal - VTA, para além da crítica de discriminação, os veículos são orientados para circular em vias afastadas com pouco movimento e que pode ser uma solução para que usuários e animais possam ter menos stress no trânsito bem movimentado conforme se vê na Figura 2.



Figura 2. Placas em postes com proibição do trânsito dos veículos de tração animal.

É evidente que os animais padecem para atenderem a vontade do seu suposto dono, que às vezes lhe retribuem com agressividade, atos mesquinhos que são característicos de maus-tratos para com os animais. Ignorando totalmente a supremacia do ser vivo independentemente da espécie, a importância do animal para o sustento da família, o condicionamento do animal e finalmente o vínculo entre o homem e o animal.

Estas pessoas que lidam diretamente com o Veículo de Tração Animal (VTA) são conhecidas como “carroceiros”, pessoas carentes, humildes que no dia a dia enfrentam muitas dificuldades inviabilizando o acesso à socialização de forma mais justa e solidária, ao desenvolvimento da categoria, a melhoria da qualidade de vida dos mesmos e da família, configurando-se a exclusão entre eles e o mundo afora. A exclusão reflete diretamente na vida pessoal e profissional de cada um deles dando margem para que o homem comece achar que é incapaz de gerir o próprio destino e, como consequência se submete a *inadequação dos padrões de desenvolvimento da sociedade contemporânea, a dispersão em relação à mão-de-obra qualificada, o impedimento de competir de igual para igual no mercado de trabalho de certa forma contribuindo para a perda de identidade*. KUENZER, (2001: 60) faz um alerta que é preciso observar, contudo, que esta identidade não é um “estado”, algo já dado. Mas um



processo, em que continuamente a realidade objetiva tem que ser transformada em leis do pensamento, ou seja, do conhecimento.

Quanto à situação financeira dos carroceiros e do animal de tração (AT), é evidente a mão de obra desqualificada, leva a crer que estes indivíduos estão predestinados a permanecerem abaixo da linha da pobreza, segundo eles o que ganham não é suficiente para suprir as necessidades e afirma que a cada dia está ficando pior.

Partindo deste princípio, é preciso definir o papel do Estado perante a sociedade, principalmente para a população menos favorecida, na qual impera a fome, o desemprego, a falta de assistência médica e hospitalar, um teto para morar e acomodar seus pertences, motivos suficientes para impedir a participação, a integração, a inserção na sociedade globalizada e o direito de exercer a cidadania em sua plenitude.

A precária condição socioeconômica dos carroceiros caracteriza a má distribuição da renda per capita, pois dos 43 carroceiros, quando questionados “se aquela atividade é a única fonte de renda”, 36 afirmaram que “sim” e 7 afirmaram que “não” por que são cadastrados no Bolsa Família.

Os carroceiros são pessoas humildes, de vida pacata, com uma visão de mundo bastante limitada, de forma que não conseguem executar outra atividade senão esta; mesmo tendo que enfrentar vários obstáculos, por exemplo, ao tratar sobre as condições climáticas todos os envolvidos na pesquisa afirmaram que ao longo do ano a estação de maior faturamento é no verão, no inverno as pessoas constroem menos devido às chuvas atrapalhar o deslocamento com o animal.

Sobre uma possível melhoria de vida a maioria não demonstra interesse em mudar, tornou-se uma pessoa acomodada, por isso não procura buscar novos horizontes e assim tentar minimizar as dificuldades enfrentadas por eles e pela família. Quanto aos trabalhadores e as suas necessidades de sobrevivência, parece haver menor clareza quanto às opções concretas de formação profissional para a aquisição de novas habilidades e conhecimentos, para a valorização de sua força de trabalho (FRANCO, 1998).

A atividade com animais de tração - AT é realizada por pessoas de todas as idades, adolescentes, jovens e adultos com faixa etária de 14 anos a aproximadamente 60 anos de idade e nível de escolaridade bastante diversificado, dos quais boa parte apresenta idade



suficiente para freqüentar a escola, no entanto mesmo sabendo da oferta gratuita não se sente atraída, de tal forma que no momento apenas 5% freqüentam a escola. A amostra consta com 43 carroceiros dos quais 16 disseram que freqüentaram a escola até a 4ª série, (atualmente o 5º ano do Ensino Fundamental), 11 até a 7ª série (atualmente 8º ano do ensino fundamental) 2 estão cursando o Ensino Médio, 3 têm o Ensino Médio completo, 5 têm Ensino Fundamental completo e 6 são literalmente analfabetos como se vê no gráfico 3.

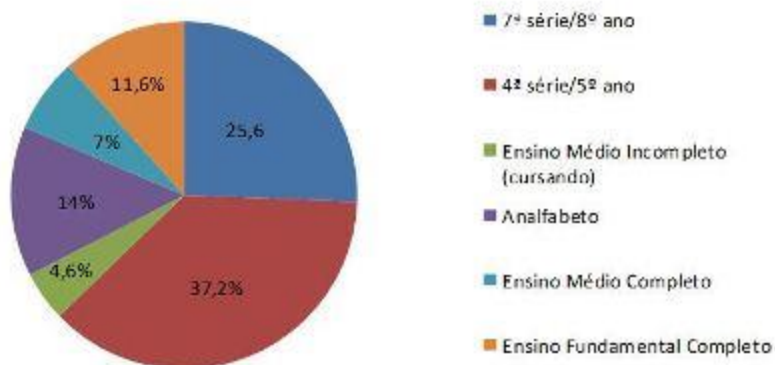
Razões pelas quais alguns, segundo eles deixaram de freqüentar a escola:

- ✓ Para trabalhar na roça, no comércio, nas casas de material de construção como carroceiro,
- ✓ Por falta de condições dos pais;
- ✓ Porque morava no sítio e na época não tinha transporte escolar;
- ✓ Nunca gostou de estudar;
- ✓ Porque estudar é muito difícil;
- ✓ Não tem “cabeça” para acompanhar os estudos;
- ✓ Os pais não deixaram estudar na cidade grande, diziam que era perda de tempo;
- ✓ O pai tinha vontade de comprar uma casa para os filhos estudarem na cidade, mas, não tinha como a condição financeira era pouca demais;
- ✓ Casou muito cedo;
- ✓ Gostaria de voltar a estudar mais depois do dia inteiro trabalhando, fica muito cansado;
- ✓ O pai (família) foi morar em outra cidade para trabalhar e lá só fazia a matrícula com a documentação completa;

Gráfico 3. Nível de escolaridade dos carroceiros envolvidos na pesquisa



Nível de Escolaridade dos Carroceiros



Fonte: Dados da Pesquisa.

A pesquisa mostra o resultado da entrevista com dez famílias e os componentes familiares desses trabalhadores com VTA que é composta na maioria, por pai, mãe, filhos, netos e às vezes pela sogra e ou sogro, ou avós.

Essas famílias com as diversas arrumações sociais e os seus núcleos de organização, revelam diferentes motivações para as reclamações. A possibilidade de mudança de um grupo de pessoas depende da condição econômica, política, cultural, social e na aplicação de principalmente de políticas públicas responsáveis para no mínimo dá ouvidos às insatisfações porque nenhum sentimento é mais importante do que outro apenas são vistos sob compreensões diferentes, As insatisfações mais apontadas e relatadas pelos condutores de VTA são:

- ✓ Formação de uma **Associação** para os carroceiros;
- ✓ Assistência para melhorar a qualidade de vida do condutor de VTA;
- ✓ Assistência para melhorar a qualidade de vida do animal de tração;
- ✓ Identificação no mercado de trabalho;
- ✓ Melhores condições de trabalho com valorização profissional;
- ✓ Tratamento mais justo para a categoria;
- ✓ Reconhecimento;
- ✓ Respeito no trânsito;



- ✓ Sair da informalidade e poder contar com a aposentadoria ao completar a idade;
- ✓ Não haver discriminação para com eles.

Os cuidados com a saúde do animal ultrapassam os problemas individuais do proprietário uma vez que o animal é o seu ganha pão, conforme as respostas da entrevista, para isso, ele trata do seu animal como fosse um filho seu. A tabela 5 revela os cuidados primários conforme conhecimento adquirido dos seus pais, como tratar das diversas formas de doenças que acometem os seus animais.

Tabela 5. Problemas que afetam a saúde dos animais de tração com frequência.

PRINCIPAIS PROBLEMAS DE SAÚDE NO ANIMAL DE TRACÇÃO	PROVIDÊNCIAS PARA CURA
Queda dos pelos provocado pela picada de mosquitos e moscas;	Passa óleo queimado em todo o corpo;
Verme;	Aplica injeção comprada nas farmácias;
Gemem externos;	Passa gasolina;
Olhos com secreção;	Compra remédio nas casas comerciais especializadas;
...Continuação	
Constipação – gripe e secreção	Cozimento de plantas naturais e ou remédio de farmácia;
Cascos amolecem no inverno devido à umidade; Cascos machucados - escrava	Pimenta do reino socada adicionada ao farelo para escrava; Pasta comprada nas farmácias.
Inchaço nos cascos do animal, o mesmo só consegue andar mancando;	Compra remédio nas casas comerciais especializadas;
Gripe, constipação;	Compra remédio nas casas comerciais especializadas;
Dor de barriga provocado por infecção intestinal;	Cozimento de plantas naturais e ou remédio de farmácia;

Fonte: Dados da Pesquisa.

Quando se trata da assistência médica veterinária para tratar os problemas de saúde do animal sofridos na labuta, todos confirmaram com indignação que não existe assistência médica veterinária com atendimento público, os gastos são do próprio orçamento e eles só levam o animal ao veterinário quando os remédios caseiros não conseguem resolver o problema de saúde.



Segundo os proprietários de animais de tração a alimentação é servida várias vezes durante o dia, sempre acompanhada com a água. As proporções são de acordo com o tipo de alimento a ser servido, porém em todos precisa de um balanceamento, de forma que se torne nutritiva para o animal.

Os alimentos preferidos pelos animais conforme as tabelas 6 e 7 se devem ao fato da qualidade nutricional e o sabor, pois segundo os donos, existem animais que não são muito apreciadores e outros são bastante seletivos. Vale salientar que na hora de servir, principalmente os alimentos adicionados à água e se as partes não forem proporcionais, há rejeição por parte do animal. A água a ser ingerida durante o dia e a quantidade servida depende das condições ambientais, do peso e da idade do animal.

Tabela 6. Tipos de alimentos preferidos pelos animais.

Alimentos	População entrevistada	Preferência pelo usuário (%)
Milho	43	100
Farelo de Trigo	39	90,7
Capim	37	86,0
Ração de palha de milho	15	34,9
Purina	12	27,9
Continuação...		
Sal Grosso	32	74,4
Sobra de comidas	5	11,6
Pão	1	2,3
Bolacha	1	2,3

Fonte: dados da pesquisa.

Tabela 7. Quantidade de vezes que é servida a alimentação para os animais.

Alimentação fornecida aos animais de tração durante o dia	Nº de vezes ao dia
Farelo + Água	1



Milho + Água	2
Farelo + Água + Sal	1
Farelo + Milho + Sal	1
Farelo + Milho + Água	1
Capim	2
Purina	Raramente

Fonte: Dados da pesquisa

Os animais são alimentados rigorosamente três vezes ao dia, além desses alimentos fornecidos durante o dia nos intervalos diários comem capim nas pastagens, bastante água para hidratar, pois os animais tracionados devido ao esforço durante a realização das atividades perdem muito líquido.

Quando se trata de maus tratos o homem é capaz de viver em sociedade por isso tira proveito de forma pretensiosa, dita regras, se utiliza de atitudes mesquinhas para garantir a própria sobrevivência. Os animais apontados como “inferiores” não têm oportunidade para expressar seus sentimentos, vontades e escolhas através da fala, por isso, sofrem com a imposição da tríade: **domesticação – exploração – maus-tratos**.

Nenhum ser que vive em comunidade tem o direito de causar dano à saúde, provocar sofrimento, ferir, submeter nenhum outro a situação de desconforto. Diante das diversas práticas de abuso e maus-tratos, não há o que comparar se uma é pior do que a outra. Todas representam atos de covardia e desumanidade – motivos suficientes para que os autores sejam penalizados. A pesquisa constatou alguns modos que os proprietários fazem aos seus animais:

- ✓ Chibatadas;
- ✓ Excesso de cargas;
- ✓ Trabalho intensivo;
- ✓ Alimentação precária;
- ✓ Água e alimentação servidas em vasilhames impróprios;
- ✓ Falta de Higienização, (pêlos, cascos...);
- ✓ Açoites com varões de ferro;
- ✓ Abandono, principalmente quando o animal envelhece;



- ✓ Exposição prolongada ao sol ou a chuva;
- ✓ Troca constante de domicílio (rotatividade de proprietário);
- ✓ Ferradura abaixo dos cascos;
- ✓ Acessórios usados diariamente – causando ferimentos no corpo do animal;
- ✓ Ausência de assistência médica;
- ✓ O animal mesmo doente continua realizando as atividades;
- ✓ A fêmea prenhe corre o risco de abortar devido ao esforço físico realizado durante as atividades diárias;
- ✓ O animal tracionado transporta a carga e o dono, ambos na carroça;
- ✓ Cortes e ferimentos expostos;
- ✓ Queimaduras;
- ✓ Solto em vias públicas;
- ✓ Pauladas dadas por meliantes;
- ✓ Acomodação para o descanso a céu aberto, (abrigo);
- ✓ Marca do proprietário feito com ferro e fogo no corpo do animal;
- ✓ Animal amarrado em local onde depositam lixo;
- ✓ Manter o animal em lugares que têm insalubridade;
- ✓ Ataque por outros animais.

Verificou-se que após o dia de trabalho são poucos os animais de tração que passam a noite em lugar coberto, geralmente ficam expostos à chuva e ao sol. Dos 43 envolvidos, 20 abriga o animal em lugar a céu aberto, 11 em lugar com cobertura, 9 em baia, 1 cobertura de telha de amianto, 1 em galpão 1 em cocheira coberta com telha de cerâmica. Kaari (2006), afirma que a “primeira norma que tratou da crueldade contra os animais no Brasil foi o Decreto nº 16.590 de 1924, o qual proibia as diversões públicas que causassem sofrimento aos animais. Em 1934, medidas de proteção animal foram estabelecidas pelo Decreto lei nº 24645. Neste, o termo “maus tratos” é definido em trinta e uma figuras elencadas. Em 1941, com o advento da Lei das Contravenções Penais – Decreto Lei nº 3688, estabelece como contravenção a crueldade contra animais: “Art. 64. Tratar animal com crueldade ou submetê-lo a trabalho excessivo. Pena – prisão simples de dez dias ou multa”.



A atividade com tração animal desde a pré-história, até os dias atuais é utilizada em diversas partes do mundo, principalmente em lugares em que a empregabilidade é baixa. Para a realização dessa atividade o animal é preso por acessórios, uns envolvem a área frontal, outros são marras que pressionam desde o dorso até o abdome – amarras da sela, as quais às vezes atingem os ferimentos expostos em partes o corpo do animal. Diariamente realiza vários percursos que se estende entre média e longa distância, e forçado a transportar cargas geralmente excessivas.

No tocante aos cuidados e higiene com os animais todos asseguraram que dão banho com sabão de coco para evitar o Carrapato. Do quantitativo citado no decorrer da pesquisa, 23 dão banho pela manhã, a tarde e à noite, 13 pela manhã e à noite e 7 somente pela manhã. Afirmam que cortam os pelos constantemente, raspam e aparam os cascos e conhecem quando o animal muda de comportamento.

Quando indagados sobre o peso ideal para o animal transportar, 39 responderam que depende do animal, por isso varia de 300 kg a 600 kg no máximo e 4 não sabem ao certo, mas procuram não extrapolar para não machucar o animal e nem quebrar a carroça. Em se tratando de exceder no carregamento 26 disseram que nunca o fizeram e 17 afirmaram que sim, mas arrependeram-se logo em seguida.

Quanto às carroças de tração, segundo eles, são fabricadas aqui mesmo em Arapiraca, em dois lugares e os fabricantes seguem um modelo padrão que custa entre R\$ 1.000,00 a R\$ 2.000,00 dependendo dos acessórios a serem colocados na carroça, pois variam dos mais simples aos mais arrojados.

Conclusões

Pode-se caracterizar que os animais apresentam sobrecarga de trabalho, infringindo o artigo 3º do Decreto-Lei Federal 24.645 de julho de 1934, medidas devem ser adotadas e providências por parte das autoridades municipais de Arapiraca, exigindo-se o cumprimento de normas que visem o bem estar dos animais de tração. Outros estudos são necessários para o aprofundamento dentro dos aspectos do bem-estar animal em serviço ou em pasto.



Conclui-se que a alimentação dos animais de carroceiro está aquém do necessário, apesar das classes dos alimentos utilizados estarem corretas.

No entanto, mais pesquisas são necessárias para avaliar a quantidade e proporção adequada entre eles para essa população, bem como possibilitar alternativas econômicas aos seus proprietários. Isso demonstra que apenas fornecendo água e sal adequadamente, o carroceiro pode melhorar o desempenho do animal.

Os maus-tratos e crueldades a que são submetidos os animais, não acontecem isoladamente, caracterizam-se como uma problemática universal, de tal forma que quase foge do controle das autoridades.

Esta categoria necessita por parte dos órgãos públicos uma atenção especial para a sua formação individual e conseqüentemente para o seu animal, de modo a que ambos possam andar em harmonia e com bom proveito e possam atendê-los da melhor forma através de palestras e reuniões periódicas junto aos carroceiros, para esclarecer o manejo nutricional mais adequado para os cavalos de tração.

Referências

ABREU, M. C.; AMARAL, L. A.; RABASSA, V. R.; NOGUEIRA, C. E. W. Abordagem e conduta clínica de animais de tração submetidos a exercício intenso e subnutrição. **XVII Congresso de Iniciação Científica, X Encontro de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pelotas**. 11-14 de novembro de 2008.

BRASIL. Decreto-Lei Federal 24.645 de julho de 1934. Brasília-DF.

BROOM, D. **Animal Welfare: the concept and the issues**. in *Attitudes to Animals: Views in Animal Welfare*. Ed. F. L. Dolins, Cambridge University Press, 1999.

BROOM, D. e JOHNSON, K.G. **Stress and Animal Welfare**. Chapman & Hall, 2001.

CAROLL, C.L.; HUNTINGTON, P.J. Body condition scoring and weight estimation of horses. **Equine Veterinary Journal**, v. 20, n. 1, p. 41-45, 1988.

DENOIX, J.M. **Functional anatomy of tendons and ligaments in the distal limbs (manus and pes)**. *Veterinary Clinics of North America: Equine Practice*, Philadelphia, v.10, n.2, p.273-322, 1994.



DOLINS, F.L. **Attitudes to animals**. Cambridge University Press, 1999.

FRANCO, M. C. Qualificação, formação ou educação profissional? Pensando além da semântica. **Contexto & Educação. Revista de Educación en América Latina y el Caribe**, UNIJUÍ, 13(51): 67-86, jul./set.. 1998.

GOODSHIP, A.E.; BIRCH, H.L. **Exercise effects on the skeletal tissues**. In: BACK, W.; CLAYTON, H. (Ed.). *Equine locomotion*. London: Saunders, 2001. p.227-250.

HOUPPT, K.A. **Equine welfare**. 2001 Online. Disponível em:
http://www.ivis.org/advances/Behavior_Houpt/houpt3/chapter_frm.asp?LA=1. Acesso em 11 out.2013.

JONES, W. Criação de Cavalos Antigos. *In Genética e Criação de Cavalos*. Ed. Roca, São Paulo – SP. 1987.

JONES, G.; DING, C.; SCOTT, F. et al. Early radiographic osteoarthritis is associated with substantial changes in cartilage volume and tibial bone surface area in both males and females. **Ostheoarth. Cartil.**, v.12, p.169-174, 2004.

JORDÃO, L. R.; FALEIROS, R. R.; AQUINO NETO, H. M. Animais de trabalho e aspectos éticos envolvidos: Revisão Crítica. **Acta Veterinaria Brasilica**, v.5, n.1, p.33-40, 2011.

KAARI, P. A exploração de equídeos por carroceiros no distrito federal. Direito, Diagnóstico e Educação Ambiental. Estudo monográfico de especialização do Centro de Desenvolvimento Sustentável/CDS. UNB. 2006, CD ROM.

KUENZER, A. Z. **Ensino Médio: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

LEITÃO, G. **A voz dos sem voz: direitos dos animais**. Editora INESP, Fortaleza, 2002.

LEWIS, L.D. **Nutrição clínica eqüina: alimentação e cuidados**. São Paulo: Roca, 2000. 710p.

LEWIS, L.D. Papel da nutrição no desenvolvimento e nas doenças musculoesqueléticas. In: STASHAK, T.S. (ed). **Claudicação em eqüinos segundo Adams**. 4 ed. São Paulo: Roca, 1994. 943 p.

LEVAI, L. F. **Animais de Tração e sua tutela jurídica pelo ministério público - aspectos sociais e pedagógicos de um termo de ajustamento de conduta**. Disponível em:
<http://www.forumnacional.com.br/animais_de_tracao.pdf>. Acesso em 09 out. 2013.



LEVAI, L. F. **Direito dos Animais**. Editora Mantiqueira, Campos do Jordão, 1998.

MEYER, H. **Alimentação de cavalos**. São Paulo: Varela, 1995. 303p.

MIRANDA, R.M. Genética e melhoramento dos eqüinos. **Eqüinos**, n.85, p.11-33, 1988.

RAMOS, J. B. Bem Estar animal – A ciência do respeito ao animal. **Instituto Ecológico Aqualung**. Número 68 - Ano XII - Julho / Agosto de 2006.

REZENDE, H.H.C. **Impacto ambiental, perfil sócio-econômico e migração dos carroceiros em Belo Horizonte do setor formal para o informal no período de 1998 a 2003**. 2004. 61f. Dissertação (Mestrado em Medicina e Cirurgia) - Escola de Veterinária, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

RUOHONEMI, M.; LAUKKANEN, H.; OJALA, M. et al. Effects of sex and age on the ossification of the collateral cartilages of the distal phalanx of the Finnhorse and relationships between ossification and bodysize and type of horse. **Res. Vet. Sci.**, v 62, p 34-38, 1997.

SPEEDING, C. **Animal Welfare**. Earthscan Publications Ltd., 2000.

SINGER, P. **Libertação animal**. Lugano Editora, Porto Alegre, 2004.

TORRES, A. & JARDIM, W. **Criação do Cavalo e de Outros Eqüinos**. Ed Nobel, São Paulo – SP. 1992.

World Society for the Protection of Animals - WSPA. **Conceitos em bem-estar animal. Curso de Docência em Bem-Estar Animal**, 11-13 maio 2010, Belo Horizonte, MG. 1 CD-ROM.

UNIVERSIDADE DE BRISTOL (UK) / World Society for the Protection of Animal (WSPA) - **Conceitos em Bem-Estar Animal** – CD desenvolvido para professores de faculdades de medicina veterinária, 2004